

Moreira, Maria Elisa Rodrigues. *Saber Narrativo. Proposta para uma leitura de Italo Calvino*. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2007, 96 p..

Neste livro, a autora analisa aspectos da narrativa sob a perspectiva de uma trama, de uma rede de saberes, construída a partir de áreas diversas, que não apenas a literatura ou a ciência, através de questões relacionadas e interligadas a propostas apresentadas em obras do renomado escritor italiano Italo Calvino (1923-1985), como, por exemplo, o elemento político que, por algum tempo, foi a força motriz da narrativa do autor.

Uma das principais reflexões do livro está relacionada com a impossibilidade do saber total, perfeito, completo, comprovado, dado que o conhecimento apresenta-se fragmentado, inclusive podendo ser contraditório. Além disso, Maria Elisa Rodrigues apresenta também questionamentos acerca de novas tecnologias, em especial o hipertexto, dentro das teorias de rede, a fim de que o literário seja pensado sob diversas perspectivas, pois segundo ela “o hipertexto funciona, assim, como referencial conceitual e como operador de leitura que possibilita um navegar pela rede textual do autor”, ou seja, Italo Calvino (p. 12).

O livro é dividido em quatro capítulos. O primeiro, “A narrativa como produção de saber”, parte do pressuposto de que há uma crise do paradigma científico dominante, e, para tanto, surgem questionamentos, ainda instáveis, desejosos de “um novo modelo [...] de produção de conhecimento e uma nova concepção de ciência, mais abertos [...] à coletividade, à ética, à solidariedade, à diversidade, [já que] “o saber vai, assim, muito além do saber científico” (pp. 16-17), porque é possível encontrar respaldo para o saber narrativo, que se configura através da multiplicidade de linguagens, da complexidade da realidade, dos vazios e das instabilidades na produção de conhecimento, da inexistência

de comprovação e de um caráter inacabado, ou seja, características antagônicas ao paradigma tradicional de ciência, de um conhecimento totalitário.

A obra de Calvino entrelaça ciência, política e literatura, e há diálogo acerca do conhecimento que envolve crítica e ficção. Não por acaso, como vai mostrar a autora, para Calvino o saber narrativo está em contínua construção, e a produção de conhecimento apresenta-se em um processo aberto e contínuo (p. 21). Assim, Maria Elisa Rodrigues se utiliza das teorias de rede e do hipertexto para aprofundar-se no discurso de Calvino, na literatura produzida em um processo de reflexão sobre o mundo e de intervenção sobre esse, conjuntamente com discursos da ciência e da política.

No segundo capítulo, “Saberes literários e jogo hipertextual”, ganha destaque *O castelo dos destinos cruzados*, obra publicada em 1973, e que apresenta um trajeto de leitura, através da narrativa iconográfica do tarô e da narrativa literária, ou seja, dois campos narrativos diversos e complementares entre si. O narrador, além do papel de apresentar a história ao leitor, é também personagem e leitor, pois, para contar a história, precisa antes interpretar as cartas do tarô, que são dispostas pelos outros personagens. A mesa do castelo, onde as cartas são colocadas, pode ser vista como o espaço do hipertexto, local em que as cartas serão compreendidas, em que conexões se estabelecerão com a finalidade de produzir sentido. Nessa acepção, a autora discorre acerca dos significados que o texto pode ter a partir de cada leitura, sem um único sentido, fechado e conclusivo, pois será o entrelaçamento de fragmentos textuais a compor uma malha, uma narrativa costurada, e com possibilidades diversas. Em *O castelo dos destinos cruzados*, o jogo de tarô é visto como a matriz narrativa de uma história, que poderia ser contada a partir de diversas interpretações, mas é escolhida *a história* de um dos personagens. Como lembra a autora, Calvino procurou, através da

literatura, ultrapassar fronteiras ao envolver a matemática, a ciência, a reflexão sobre a escrita e a intertextualidade.

No capítulo terceiro, “Saberes da escrita, saberes da leitura”, Maria Elisa Rodrigues analisa a tríade literária composta por autor, texto e leitor. Ao partir da ideia de que não é possível prender-se às intenções do autor, se é que essas possam ser delimitadas, dado que o texto não tem um único sentido, estabelecido pelo autor, o texto vai produzir sentido ao ser lido e interpretado, aliás, para Calvino, a leitura e, naturalmente, o leitor assumem um papel fundamental para a produção de sentido de uma obra. Leitura e escrita são temas que permeiam algumas obras de Calvino, e permitem uma ligação entre autor e leitor, aproximando-os, como em *O castelo dos destinos cruzados*, em que esses temas fazem parte do jogo de interpretação e narração dos fatos, sendo que “os papéis do autor e do leitor tornam-se, simultaneamente, tema narrativo e objeto de reflexão” (p. 56).

A partir dos estudos sobre hipertexto, entende-se a escrita como um processo de virtualização da memória e do saber, que estabelece uma distância entre esse processo e seu sujeito. A leitura, por sua vez, tem o propósito de atualizar o texto escrito. Como lembra Maria Elisa Rodrigues Moreira, a escrita pode também ser vista sob o olhar da recriação, surgindo do diálogo entre o novo e o já dito, ou seja, novidade e repetição atuam conjuntamente na produção escrita que aguarda diversos sentidos a cada leitura (p. 63).

O último capítulo, “O saber narrativo em rede”, analisa a literatura enquanto parte do mundo escrito (através do entrelaçar de palavras, dispostas nas frases, e parágrafos com início e fim), e pertencente ao mundo, dito não escrito (*continuum*). Para Calvino, “o início é o lugar literário por excelência, porque o mundo de fora por definição é contínuo, não tem limites visíveis” (apud Maria Elisa Rodrigues Moreira, p.

74), o que é evidenciado em *Se um viajante numa noite de inverno* (1979), pois esse romance contém inícios de romances, os chamados *incipits*, que possibilitam diversos espaços literários.

As obras de Calvino não são restritas e extrapolam as fronteiras de diversos campos do saber. Além disso, fazem com que o leitor se lembre de que está imerso no mundo da leitura. A narrativa permite que se organizem os saberes do mundo dentro da literatura, sendo essa autônoma em relação à realidade e ao mundo não escrito.

Da leitura deste livro é possível confirmar que as fronteiras ultrapassadas nas obras do escritor italiano surgem pelo deslocamento sucessivo entre reflexão e ficção, possibilitando que essa última seja vista como ensaio, avançando para diversos campos do saber. A argumentação ganha notoriedade ao sustentar uma investigação em toda sua complexidade, através da presença da ficção com veia ensaística, ou seja, com o discurso da margem, da fronteira, das possibilidades: não por acaso, o ensaio é a forma mais utilizada por Calvino, pois para ele a literatura vai além do literário, é permeada por conhecimentos diversos, porém sempre vistos através do olhar da literatura.

Um último aspecto, e não de menor importância, enfatizado pela autora é a ideia de biblioteca, que para Calvino é um local a partir do qual se desenvolve a produção de conhecimento. A relação entre sentido e conhecimento dá consistência ao saber narrativo e, assim, produzirá significações, visto que o saber não é total, finito, e a noção de biblioteca é a do espaço mais democrático do diálogo entre saberes, entre os diversos textos, como ocorre na interação entre ciência, arte e tecnologia.

Os estudos literários ganham assim um movimento mais dinâmico, que acontece pelo diálogo entre várias áreas do conhecimento, pelo desbordamento de fronteiras, através da perspectiva das teorias de rede e do hipertexto. O saber narrativo caminha paralelo à ideia da inexistência do saber completo e totalizante, percorre a estrada da

diversidade, dos fragmentos e das contradições, que trazem consigo, de acordo com Maria Elisa Rodrigues Moreira, “a mudança, a transitoriedade, a noção de conhecimento como multiplicidade, enfim, o que o próprio autor chama de incapacidade de concluir” (pp. 87-88).

Daniela Campos

UFSC